

Pedro Ladeira - 3.mar.23/Folhapress



O diretor de Planejamento e Estruturação de Projetos do BNDES, Nelson Barbosa

BNDES diz que crédito maior precede alta de investimentos

Estudo do banco, que sob PT quer dobrar de tamanho, vê correlação positiva entre sua atuação e impulso ao crescimento

Idiana Tomazelli

BRASÍLIA Estudo feito pelo BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) afirma que a ampliação dos desembolsos da instituição precede a alta nos investimentos do país, indicando uma correlação positiva entre a atuação do banco e a variável de impulso ao crescimento econômico. As conclusões são do primeiro estudo especial feito pela atual administração do BNDES, antecipado à Folha. A iniciativa faz parte da estratégia de fomentar o debate econômico sobre temas que permeiam a atuação do banco.

O diretor de Planejamento e Estruturação de Projetos do BNDES, Nelson Barbosa, diz que um dos objetivos do documento é desconstruir percepções tidas como incorretas, como a ideia de ausência de vínculo entre os desembolsos da instituição de fomento e o investimento.

Desde o início do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o BNDES virou um foco de críticas e temores de economistas, que veem com desconfiança a meta anunciada pela nova gestão do banco de dobrar seu tamanho até 2026.

O próprio Banco Central tem emitido alertas sobre os riscos associados a uma eventual ampliação do crédito direcionado — que costuma ter taxas menores do que as praticadas no mercado. O presidente do BC, Roberto Campos Neto, já afirmou que, se o governo quiser dar mais subsídios, “o juro vai ser mais alto por definição”, pois o canal de transmissão da política monetária “fica mais estreito”.

“O Banco Central usa como justificativa o medo de que a gente pode fazer em 2024 como pretexto para não reduzir o juro hoje. Acho que isso é um pouco demais para qualquer economista. Não entenderam o que a gente está propondo”, diz Barbosa.

Segundo ele, o banco quer focar áreas como infraestrutura, inovação e financiamento ao comércio exterior. “Se for bem direcionado, a gente pode viabilizar um novo aumento de investimento no Brasil”.

O estudo do BNDES indica uma correlação positiva de 7% entre as concessões de financiamento do banco e a proporção do PIB (Produto Interno Bruto) e a taxa

de investimento do país, considerando operações realizadas entre 2002 e 2022. Quanto mais elevado é o percentual, maior é a força de associação entre as variáveis analisadas.

Como alguns desembolsos são direcionados a linhas de capital de giro ou financiamento de exportações, o estudo traz também recortes específicos, que buscam mensurar o efeito das transações destinadas apenas à realização de investimentos.

De acordo com o BNDES, a correlação entre os desembolsos da linha Finame (voltada à aquisição de máquinas e equipamentos) e a taxa de investimento é de 87%.

O estudo também mediu a correlação com a taxa de investimento em construção não residencial, que chegou a 88% no caso dos desembolsos para infraestrutura e 89% nos financiamentos para investimentos em geral.

Por isso, os técnicos do banco concluíram alguns testes econométricos para verificar se os dados de desembolso do banco ajudam a prever o comportamento do investimento — ou seja, se há de fato precedência entre uma variável e outra.

O teste mostra ausência de indícios de que a alta do investimento leva a um maior desembolso do BNDES, mas resultados significativos quando se avalia a ordem inversa, com as concessões do banco antecedendo a ampliação da

FBCE (formação bruta de capital fixo, como os investimentos são mensurados no PIB). “As evidências mostram que o aumento de desembolso precede um aumento no investimento, e que esse aumento de investimento atinge seu pico a partir de um ano”, diz Barbosa.

“Obviamente a gente pode sempre dizer que ele [crédito] pode ser melhor alocado, que ele tem que ser mais transparente. Agora, essa relação de correlação e causalidade é conhecida”, diz.

No fim do ano passado, relatório do Cmap (Conselho de Monitoramento e Avaliação de Políticas Públicas) mostrou que a política praticada pelo BNDES durante governos anteriores do PT despejou recursos para grandes empresas brasileiras, mas não resultou em aumento dos investimentos na mesma proporção.

Segundo o estudo, a cada R\$ 1 aplicado em empréstimos e subsídios, apenas R\$ 0,22 a R\$ 0,25 virou investimento adicional. O valor, embora positivo, foi considerado pouco eficaz.

Barbosa diz que precisaria analisar os detalhes e as premissas do estudo para entender os cálculos do Cmap e avaliar suas conclusões, mas ele afirma que o próprio banco tem interesse em desenvolver estudos sobre a eficácia de seus empréstimos.

“Tem que ter uma avaliação de eficiência, eficácia. Mas é uma coisa de cada vez. Uma, o impacto é positivo. Agora, o impacto é muito pequeno para o volume de recursos? Ai é outro tipo de questão. Obviamente a gente quer um impacto positivo e eficiente”, diz.

Segundo o diretor, a nova leva de estudos do BNDES busca contribuir para “melhorar os termos” do debate e medir os resultados para acompanhar a eficiência política e até aprimorar as ações da instituição.

“Outra contribuição, mais indireta, é começar a esclarecer alguns pontos e, com isso, combater algumas fake news”.

Segundo ele, uma das principais distorções é dizer que a maior participação do BNDES no crédito expulsa o setor privado desse mercado (o que economistas chamam de efeito “crowding out”).

“As evidências mostram que isso é possível, mas não é provável. Na maior parte dos casos, quando o BNDES desembolsa mais, o investimento aumenta, e o setor privado desembolsa mais também. Eles vão juntos. Tem mais evidências de complementação do que de substituição”.

Segundo Barbosa, o risco de o banco tomar espaço do setor privado existe apenas em contextos específicos, quando a economia está no pleno emprego (operando em seu nível máximo) ou quando há estagnação ou recessão. “Ai você está disputando um tamanho fixo [de investimento]. Então, num contexto de estagnação, pode acontecer um crowding out. Só que a nossa estratégia é aumentar o desembolso em um contexto de crescimento. O nosso aumento de desembolso depende de a economia voltar a crescer, também”, diz.

“Na maior parte dos casos, quando o BNDES desembolsa mais, o investimento aumenta, e o setor privado desembolsa mais também”

Nelson Barbosa
diretor do BNDES

Insatisfação com os juros cresce entre as micro e pequenas indústrias

Douglas Gavras

SÃO PAULO A insatisfação com os juros levou empresários da micro e pequena indústria ao maior pessimismo no último ano, de acordo com pesquisa realizada pelo Simpi (Sindicato da Micro e Pequena Indústria do Estado de São Paulo) e o Datafolha.

Em abril e maio de 2023, o Índice de Satisfação Macroeconômica dessas empresas chegou a 93 pontos, vindo de 123 pontos no levantamento anterior (em fevereiro e março de 2022), em uma escala que varia de 0 a 200 pontos.

O pico da série, que começou em abril de 2022, coincide com as últimas eleições, em outubro e novembro do ano passado. Naquele momento, a satisfação dos industriais havia sido de 122 pontos.

De acordo com a entidade, a queda do índice foi causada, sobretudo, pela percepção negativa que os empresários dizem ter a respeito da situação econômica: 48% responderam que o cenário está ruim ou pessimista e apenas 14% o consideram bom ou ótimo.

Um dos principais fatores apontados para esse pessimismo é o patamar elevado da Selic, os juros básicos da economia. A taxa está, atualmente, em 13,75% ao ano e ainda sem uma sinalização por parte do Copom — o Comitê de Política Monetária do Banco Central — de que o ciclo de quedas dos juros será iniciado na próxima reunião, em agosto.

De março ao maio, aumento de 52% para 66% o percentual de empresas que dizem estar sendo muito prejudicadas pelas taxas de juros. Os que se dizem pouco prejudicados eram 24%, agora são 16%.

Entre os que não se sentem prejudicados, o percentual passou de 22% para 17%. No comparativo entre regiões, o percentual mais elevado dos que dizem se sentir muito prejudicados foi registrado no Nordeste (77%) e o mais baixo, no Centro-Oeste e Norte (6%).

Quando olham para as próprias empresas, os industriais tendem a ser mais otimistas: a satisfação com a situação do negócio era de 121 pontos em março e abril, patamar semelhante ao do levantamento anterior (122 pontos), embora mais baixo do que em outubro e novembro passados (135 pontos).

A satisfação com o faturamento era de 140 pontos e de 108 em relação à margem de lucro. No Sudeste, a satisfação quanto à situação das empresas alcança 128 pontos e, no Nordeste, esse índice é de 116.

A pesquisa, de abrangência nacional, ouviu 712 pessoas, entre os dias 9 e 29 de maio de 2023. A margem de erro para o total da amostra é de 4 pontos percentuais, para mais ou para menos e a confiança é de 95%.

Usada como instrumento de controle da inflação, a Selic afeta outras taxas, como aplicações financeiras e financiamentos.

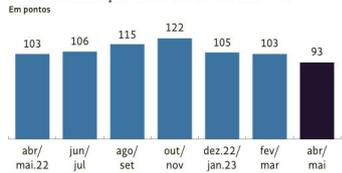
“Quanto mais a taxa Selic sobe, menor será o consumo das famílias, com uma tendência na queda da inflação. Por outro lado, quando ela cai, há um estímulo e aquecimento do mercado”, pondera o presidente do Simpi, Joseph Couri.

Apesar disso, ele diz não esperar uma redução significativa dos juros em um horizonte próximo. “Não vejo uma redução para valer. Se tudo correr bem, vejo uma sinalização pequena, em 90 dias”.

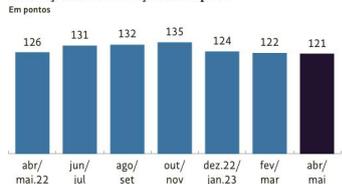
Couri acrescenta que o empresário tem visto o poder de compra crescer desde a queda, enquanto busca manter a empresa de pé. Essa situação afeta diretamente a eco-

Micro e pequena indústria preocupada com juros

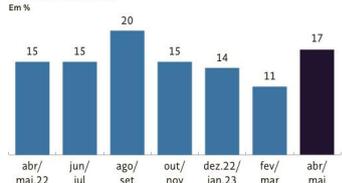
Índice de satisfação macroeconômica das MPIS



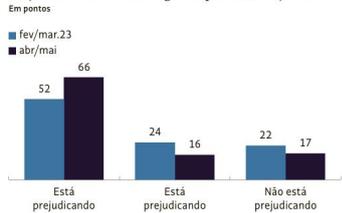
Satisfação com a situação da empresa



A empresa fez consulta para tomar empréstimo ou financiamento



Prejuízos causados aos negócios pela taxa de juros



A empresa conseguiu o empréstimo ou financiamento



Fonte: Simpi/Datafolha

nomia e provoca um sentimento de pessimismo. A redução dos juros tem sido o principal motivo para a queda de braço travada entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto. O petista tem externado publicamente a sua insatisfação com o patamar da Selic.

Na última semana, em visita oficial à Itália, Lula disse que a manutenção da atual taxa de juros é irracional. “Tenho cobrado dos senadores. Foram os senadores que colocaram esse ci-

dadão lá. Então os senadores têm que analisar se ele está cumprindo aquilo que foi aprovado para ele cumprir. Na lei que está aprovada, ele tem que cuidar da inflação, do crescimento econômico e da geração de emprego. Então ele tem que ser cobrado. É só isso”.

“Não existe explicação aceitável do porquê a taxa de juros está 13,75%. Nós não temos a situação de demanda”, afirmou. “Acho sinceramente que esse cidadão está jogando contra os interesses da economia brasileira”, concluiu o petista.

O mais recente Boletim Focus, publicado nesta segunda-feira (26), aponta que o mercado espera um corte da Selic em agosto e que a inflação seja menor em 2023 e 2024.

Pela pesquisa do Simpi, 17% dos entrevistados afirmaram ter feito alguma consulta para tomar empréstimos ou financiamentos em abril e maio, contra um patamar de 11% no bimestre imediatamente anterior.

Ao mesmo tempo, 46% afirmaram que não conseguiram os recursos solicitados, 44% disseram ter conseguido e 10% não obtiveram uma resposta do banco.

“Quanto mais a Selic sobe, menor será o consumo das famílias, com tendência na queda da inflação. Quando ela cai, há aquecimento do mercado”

Joseph Couri
presidente do Simpi